

Tudo começa com tonteira

De repente, sem que ninguém perceba, uma pequena tonteira aparece e lá se vai a consciência. Depois de alguns minutos fora de si, a pessoa volta ao normal e descobre que a sua vida mudou para sempre. Foi o que aconteceu há sete anos com o funcionário público Francisco Santos, 54 anos. Depois de ficar angustiado por esquecer um compromisso com uma amiga, Francisco perdeu a consciência e foi parar no Hospital. Diagnóstico: epilepsia.

Casado, pai de dois filhos adolescentes, Francisco viu a vida mudar depois do primeiro desmaio. Ainda sem usar o remédio indicado para a doença, ele enfrentou cerca de duas crises por mês, nos lugares mais inesperados. "Uma vez, estava no ônibus indo para o trabalho e senti uma sensação estranha", conta. "Antes de perder a consciência, lembro que gritei e segurei a perna do rapaz ao meu lado, que deve ter tomado um baita susto".

Memória

Por conta da doença, a pressão subiu e a memória começou a falhar. Impossibilitado de trabalhar — "Como posso assumir responsabilidades se esqueço as ordens pouco tempo depois de ouvi-las?", indaga —, ele está prestes a se aposentar. "Trabalhava com construção civil e tive que parar porque um desmaio no alto da construção pode ser fatal", lamenta. "Também não posso dirigir profissionalmente. Eu queria trabalhar com ônibus, mas não dá, dirijo apenas por aqui, com minha família".

Hoje, a fase mais crítica já passou e Francisco aprendeu a importância de usar os remédios. "No começo, achava que, se não tomasse o remédio por um ou dois

dias, não iria influenciar. Então, quando o pagamento atrasava, por exemplo, deixava de comprar", lembra.

As crises, porém, voltavam assim que o tratamento era interrompido.

"Agora, não deixo mais meu remédio faltar, de jeito nenhum". Francisco toma Tegratol 400mg todos os dias, religiosamente.

"Essa é uma doença maligna, muitas vezes eu ia para o trabalho e não chegava, terminava no hospital", conta. "Espero realmente que esse centro do

Hospital de Base funcione, porque eu tinha crises de mês em mês e era muito ruim, pois cada crise é como chegar à beira da morte", declara. "Fico imaginando as pessoas que têm crises todos os dias... a vida deve ser um pesadelo". (P.L.)